

Niketche: das representações de gênero ao mulherismo africana

Niketche: from gender representations to african womanism

Hélio Márcio Nunes Lacerda¹

Vanessa Neves Riambau Pinheiro²

Resumo: Este artigo analisa as tensões de gênero e classe no romance *Niketche*, uma história de poligamia, da escritora moçambicana Paulina Chiziane (2004). O estudo objetiva, a partir da observância desses fatores, discutir representações de gênero e os episódios narrativos que estabelecem a construção performativa de submissão do feminino; a pesquisa também problematiza aspectos religiosos que legitimam a hegemonia masculina, bem como observa a gradual subversão da passividade atribuída à protagonista da trama, a partir de atitudes de liderança, união de personagens femininas e busca por autonomia emocional e financeira. Dessa forma, ocorrem disrupções no sistema patriarcal moçambicano e a mudança na trajetória das personagens. Trata-se de um trabalho bibliográfico, na perspectiva teórica do mulherismo africana, de Hudson-Weems (1993), do oxunismo, de Oyěwùmí (2016), dos estudos de gênero de Connel (1995) e Welzer-Lang (2000).

Palavras-chaves: Niketche; Mulherismo africana; Oxunismo; Gênero.

Abstract: This article discusses gender and class conflicts in *Niketche, uma História de Poligamia*, by the Mozambican writer Paulina Chiziane (2004). The objectives are: 1) to problematize some gender representations; 2) to investigate some episodes that stress the construction of the female gender as a submissive figure; 3) problematize some religious aspects that legitimize male hegemony; and 4) discuss scenes from the narrative in which the wives, led by Rami, organize themselves and rehearse possible ruptures in the patriarchal colonial world of Mozambique searching for their autonomy. It is a bibliographic work in the theoretical perspective of African womanism, Hudson-Weems (1993), Connel's gender studies (2000) and Welzer-Lang (1995).

Keywords: Niketche; Womanism Africana; Oxunism; Gender.

1 Professor do Instituto Federal do Tocantins. Doutorado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (PPGL/UFPB). helio.lacerda@ifto.edu.br. <https://orcid.org/0000-0002-0363-985X>.

2 Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba (PPGL-UFPB). Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenadora do Grupo GeÁfricas vinculado ao PPGL/UFPB. vanessariambau@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-3137-2328>.

Introdução

*Porque durante a vida inteira a terra lhe espancou a
palma dos pés com pancadas de martelo. (CHIZIANE, p. 161)*

Este texto propõe uma análise de um romance de Paulina Chiziane, escritora moçambicana, que, em 2021, ganhou o prêmio Camões de Literatura pelo conjunto da sua obra. A honraria conferida à autora mostra-se necessária para amplificar o alcance das literaturas africanas como um todo, sobretudo aquelas produzidas nos países africanos de Língua Portuguesa.

Assim, os objetivos deste trabalho são: 1) problematizar algumas representações de gênero em *Niketche, uma história de poligamia*, de Chiziane (2004); 2) investigar alguns episódios que tensionam a construção do gênero feminino como figura submissa; 3) problematizar alguns aspectos religiosos que legitimam a hegemonia masculina; e 4) discutir cenas da narrativa em que as esposas, lideradas por Rami, se organizam e ensaiam possíveis rupturas no mundo colonial patriarcal de Moçambique, em busca de sua autonomia.

O texto está organizado em três partes que, inspirado por Cynthia Hamlim (2010) e Jonata Ferreira (2010)³, chamamos de miradas no espelho. Na primeira mirada, entre o sofrimento e o sequestro afetivo, discutimos os diálogos que Rami trava com seu espelho, único amigo a quem ela pode confessar suas fragilidades, o que faz lembrar a história da Branca de Neve (SILVA, 2013, p. 107)⁴, na qual há um espelho conselheiro e uma mulher frágil - a madrasta, que precisa escutar, diariamente, que é a mais bela. Ao que parece, em ambos os casos, uma insegurança emocional sugere certa similaridade entre as duas personagens. Na segunda mirada, falta e reificação do sujeito feminino, discutimos a impossibilidade da personagem de se perceber autossuficiente e digna de afeto. Como ela nos revela, sua existência foi construída como falta a ser preenchida pelo sujeito masculino, no caso, Tony. A terceira e última mirada, da tomada de consciência à autonomia relativa - um toque de mulherismo africana -, problematizamos a viragem mulherista, tendo Rami como elemento vetor da reviravolta, da vingança e da solidariedade entre as mulheres. Também nessa mirada de espelho não há mais a Rami de pensamento colonizado, a qual comparamos com a fábula ocidental

3 FERREIRA, Jonata; HAMLIM, Cynthia. Mulheres, negros e outros monstros: um ensaio sobre corpos não civilizados. In: Revista de **Estudos Feministas**, Florianópolis, 18(3): 336, setembro-dezembro/2010.

4 SILVA, Candido Rafael Mendes da. Uma Branca de Neve às avessas ou Rami no país da poligamia. In: MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmen Lúcia Tindó (Orgs). **Paulina Chiziane: Vozes e rostos femininos de Moçambique**. Editora Appris. Curitiba-PR, 2013.

Branca de Neve; o espelho projeta-se como novo autorreconhecimento vinculado às raízes ancestrais, tal qual a orixá Oxum, divindade africana vinculada à primogenitura da humanidade portadora do título de *ìyálodè*, que em iorubá significa "senhora da sociedade". Diferentemente da madrasta de Branca de Neve, para a qual o espelho é a representação de suas próprias fraquezas, Oxum utiliza-se do espelho (abebé) como instrumento de autoconfiança e de proteção. Na esteira da rejeição do pensamento ocidental, Oyěwùmí (2016) propõe o oxunismo como movimento que busca ressignificar a condição feminina na sociedade, bem como oferecer resistência à imposição do gênero pelo patriarcado colonial.

Também sob a ótica de reinvenção da performance social de gênero da mulher negra, mas de forma mais abrangente, este trabalho inscreve-se na perspectiva dos Estudos do Mulherismo Africana (*womanist afrikana*), conceito elaborado pela afro-estadunidense Clenora Hudson-Weems (1993, p. 24)⁵: “Mulherismo Africana é uma ideologia criada e elaborada para todas as mulheres de afro-descendência. É baseada na cultura africana e, portanto, tem como foco as experiências singulares, lutas, necessidades e desejos das mulheres africanas” (Tradução nossa). Nessa perspectiva, a autora estabelece um paradigma teórico para que as mulheres africanas possam pensar suas realidades a partir de si mesmas. Dito de outro modo, o Mulherismo Africana assume a perspectiva de que cabe às mulheres negras, tanto aquelas em diáspora quanto aquelas no continente africano, elaborar a partir de sua experiência e seus conhecimentos o percurso para a emancipação dos povos de matriz africana (NJERI; RIBEIRO, 2019). Consoante Hudson (1993), para as mulheres negras a questão racial se sobrepõe ao gênero. Assim, é evidente que a mulher africana deve primeiro combater o racismo. Naturalmente, na diáspora africana é que a questão racial se sobressai. Entretanto, o mulherismo africana não se restringe a essa problemática; na verdade, seu principal contributo é dessingularizar uma luta que, no feminismo branco, restringia-se às demandas concernentes a um determinado nicho social. No mulherismo africana, a batalha é coletiva e engloba todas as mulheres. Assim, o esforço aqui empreendido pretende, em alguma medida, se distanciar das formas ocidentalizadas de percepção da realidade no que tange à opressão das mulheres no romance, ao mesmo tempo em que ensaia uma releitura da obra de Chiziane (2004), orientada por uma perspectiva afrocentrada e Decolonial (QUIJANO, 2009; MALDONADO-TORRES,

5 Cf: Africana Womanism is an ideology created and designed for all women of African descent. It is grounded in African culture, and therefore, it necessarily focuses on the unique experiences, struggles, needs, and desires of Africana women (HUDSON-WEEMS, 1993, p. 24).

2009; CASTRO-GOMEZ, 2005; VERGÈS, 2020), considerando a “Ecologia de Saberes”, de Boaventura de Sousa Santos (2010), no sentido de fazer dialogar teorias do eixo Sul-Sul.

1. Primeira mirada: sofrimento e sequestro afetivo

A narrativa privilegia os dramas cotidianos vivenciados por Rami, uma mulher de meia idade que vive os dissabores do abandono e de se saber traída por seu esposo, Tony. Narrado em primeira pessoa, o livro, à medida que nos fala de Rami, esposa de um alto funcionário do Estado, chefe de polícia, traça um panorama histórico, político e colonial da história de Moçambique. A partir das relações amorosas que seu esposo possui com suas amantes, a narradora nos apresenta uma série de diferenças culturais e formas coloniais que contribuíram para construir Moçambique. Assim, parece que Rami, ao procurar por Tony e as mulheres com quem se relaciona, oriundas de diferentes localidades, sugere um mosaico geográfico, religioso e histórico daquele país. Do mesmo modo, a narrativa nos introduz a uma viagem pelos rituais da tradição que, embora afetados pela cristianização, ainda permanecem como práticas culturais em algumas comunidades tradicionais do país, a saber: o *Niketché*, uma dança de iniciação e sedução, e o *Kutchinga*, ritual realizado quando se completa oito dias de viuvez.

Em linhas gerais, o romance privilegia alguns tabus que pairam sobre a sexualidade feminina, sobre certos ritos tradicionais, versando sobre a violência da guerra colonial e de libertação de Moçambique em que inúmeras mulheres foram violadas, tanto por colonizadores quanto por homens que lutavam contra o regime colonial.

O romance tem seu início com um forte estrondo, que faz Rami imaginar o retorno da guerra, sugerindo haver naquele ambiente alguma familiaridade da personagem com os conflitos armados: “Um estrondo ouve-se do lado de lá. Uma bomba. Mina antipessoal. Deve ser a guerra a regressar outra vez” (CHIZIANE, 2004, p. 9). Porém, não se trata de barulho de arma, mas de uma pedrada no vidro de um carro. O barulho assusta Rami, arrancando-a de suas profundas reflexões frente ao espelho, pois, desconfiada das traições de Tony, passou a elaborar uma série de reflexões sobre as razões que a tornam uma mulher infeliz.

Durante os dias de tristeza e solidão, o espelho ganha uma dimensão importante dentro da narrativa, pois é nos intervalos dos afazeres de casa que Rami conversa com o reflexo, dirigindo-lhe várias perguntas, arquitetando planos para liquidar as rivais ao mesmo tempo em que elabora sua própria dor (SILVA, 2013). O espelho-confessor escuta todas as suas demandas afetivas e testemunha sua trajetória de mulher casada, parecendo ser um espectador privilegiado

da vida de Rami ou, talvez, um *alter-ego* da própria personagem: “Sou aquela que tem um espelho como companhia no quarto frio” (CHIZIANE, 2004, p. 65). Rami não possui amigas nem pessoas com quem possa dividir seu cotidiano, então, descobre no espelho uma possibilidade de partilha: “Vou ao espelho tentar descobrir o que há de errado em mim [...]. Olho bem para minha imagem. Com essa máscara de tristeza pareço um fantasma, essa aí não sou eu” (CHIZIANE, 2004, p. 15).

A mirada no espelho retorna a colocar em xeque a própria identidade de Rami: “Paro de chorar e volto ao espelho. Os olhos que se refletem brilham como diamantes. É o rosto de uma mulher feliz. Os lábios que se refletem traduzem uma mensagem de felicidade, não, não podem ser os meus, eu não sorrio, eu choro” (CHIZIANE, 2004, p. 15). O espelho desvela traços de si mesma que ela desconhecia e que surgem à medida que fala de si para si, em um diálogo mediado pelo espelho: “Meu Deus, o espelho foi invadido por uma intrusa, que se ri da minha desgraça. Será que essa intrusa está dentro de mim? Esfrego os olhos, acho que enlouqueci” (CHIZIANE, 2004, p. 15).

O eco de sua voz sugere revelações dolorosas que alcançam sua consciência: sua vida de mulher, plantada no solo firme do casamento, se estilhaçou. Assim, a partir dessa constatação, o mal-estar se instaura e a tomada de consciência desse estado de fracasso se apresenta como o gatilho para percorrer o país em busca das amantes e do seu marido, o que irá, de alguma maneira, contribuir para sua percepção e urgência de construir seu caminho que, curiosamente, passa pela inclusão de outras mulheres nesse projeto de autodescoberta. Nessa busca individual, a personagem entra em disputa física e afetiva com outras mulheres por causa de Tony, mas a percepção que desenvolve sobre seu entorno faz operar o entendimento de que há uma opressão maior que as torna irmãs, ou seja, as mulheres amantes que são suas concorrentes, também, são vítimas das mesmas correntes que a aprisionam: o patriarcado, as práticas religiosas e um conjunto de crenças que a tradição impôs ao gênero feminino. Essa perspectiva desenvolvida no romance relaciona-se com a ideia do mulherismo africana, de Hudson-Weems, para quem inexistente a possibilidade de uma emancipação da mulher africana ou da diáspora que seja trilhada sozinha (HUDSON-WEEMS, 1993).

2. Segunda mirada: falta e reificação do sujeito feminino

Os gritos, de repente, de uma vizinha chamando-a imediatamente para resolver um problema causado pelo filho caçula a obriga a sair do estado letárgico frente ao espelho: o garoto

quebrou o vidro de um carro estacionado nas proximidades. Rami sente-se constrangida porque, rodeada de vizinhas, não sabe o que fazer para resolver o problema e, talvez, por isso, ocorre-lhe pensar que toda a desventura e zombaria de que é vítima se dá em função da inexistência de um homem na sua casa. Então, ela diz para si mesma: “Se o meu Tony estivesse por perto, repreenderia o filho como pai e como homem. Se ele estivesse aqui, agora, resolveria o problema do vidro quebrado com o proprietário do carro, homem com homem se entendem, ah, se o Tony estivesse perto!” (CHIZIANE, 2004, p. 11). A narradora condiciona proteção à presença ou ausência masculina em casa: “um marido em casa é segurança, é proteção. Na presença de um marido, os ladrões se afastam. Os homens respeitam. As vizinhas não entram de qualquer maneira [...]. Na presença de um marido, um lar é mais lar, tem conforto e prestígio” (ibidem).

A voz narradora se encarrega de apresentar o cenário externo, elaborando para o(a) leitor(a) as condições materiais sobre as quais se assenta a vida urbana daquelas mulheres; a partir daí, urde extensas considerações sobre o mundo interno da personagem. Os diálogos em frente ao espelho, monólogos sussurrados ao seu confessor íntimo, dão conta dos dilemas que ela, como mulher, mãe de cinco filhos, trava consigo mesma a fim de compreender o que se passa em seu exterior/interior. Rami olha para seu entorno e parece perceber a precariedade coletiva que recai sobre si e suas vizinhas: “Olho para todas elas. Mulheres cansadas, usadas. Mulheres belas, mulheres feias. Mulheres novas, mulheres velhas. Mulheres vencidas na batalha do amor. Vivas por fora e mortas por dentro, eternas habitantes das trevas” (CHIZIANE, 2004, p. 12).

Na rua, após o incidente em que Bentinho, seu filho caçula, quebrara o vidro do carro, um grupo de mulheres se reúne para consolar Rami e começa a contar suas histórias: embalada por vozes e dores que, em muito, se assemelham à sua. Rami compara o amor a uma guerra, concluindo que nesta “as mulheres são um exército derrotado” (ibidem). Ainda que sem a consciência da potência gerada pela união feminina, essa passagem assinala uma percepção comum à matripotência, conceito cunhado por Oyěwùmí (2016). De acordo com a pesquisadora, na tradição iorubá, a figura de Ìyá(mãe) é representativa da humanidade da qual derivam todos os seres humanos, a procriadora da humanidade. Ìyá não é uma categoria de gênero, até porque o gênero não era ontológico no mundo iorubá; assim, a igualdade de gênero seria o caminho natural, já que a imposição de constructos de gênero anularia a cosmopercepção iorubá. Dessa forma, a representação materna assume uma dimensão muito mais espiritual do que física. Na passagem narrativa de Chiziane, há um grupo de mães reunidas em um exercício

de empatia e sororidade. "Para me embalar a dor, elas contam-me das suas próprias dores e espinhos" (CHIZIANE, 2004, p. 13).

Uma constelação de dúvidas evolui à medida que Rami se percebe só. Tenta imaginar respostas possíveis que expliquem as razões de Tony não a querer mais. Nesse exercício, ela se questiona quem é que pode entender os homens:

Como que é o que o Tony me despreza assim, se eu não tenho nada de errado em mim? Obedecer, sempre obedeci. As suas vontades sempre fiz. Dele sempre cuidei. Até as suas loucuras suportei. [...] Fiz dele o homem que é. Dei-lhe amor, dei-lhe filhos com que ele se afirmou nesta vida. Sacrifiquei os meus sonhos pelos sonhos dele. Dei-lhe a minha juventude, a minha vida (CHIZIANE, 2004, p. 14).

Ao que parece, os questionamentos de Rami surgem das certezas que possui sobre alguns estereótipos que seriam necessários para se ter um casamento feliz. Inicialmente, a personagem traça uma série de princípios que, segundo lhe disseram, deveriam ser obedecidos rigorosamente, levando para seu lar a plenitude da felicidade conjugal. Rami parece se orgulhar da devoção que tem pelo marido, pelas crianças, pela casa; se orgulha do zelo e do cuidado que tem com a família; sempre atenta às necessidades de todos e de cada um, resalta suas qualidades de mãe de família e dona de casa.

Rami, em princípio, se vê perplexa porque acredita que realizou com desenvoltura todas as obrigações que são esperadas de uma mulher, mas, ao invés de ser laureada com o amor do marido, o reconhecimento e a fidelidade, acontece justamente o oposto: ela passa dias sem saber notícias de Tony. As poucas vezes em que este retorna a casa é para trocar de roupa, comer, dormir brevemente e se arrumar para sair outra vez, sem dar detalhes de sua vida, o que deixa Rami triste e desconsolada, pois incapaz de compreender as razões para sua vida marital ser infeliz.

Inicialmente, o romance se desenrola a partir de monólogos que Rami trava em frente ao seu espelho, amigo, confessor, acusador, conselheiro e que, ao devolver as perguntas à sua dona, contribui, sobremaneira, para o autoconhecimento e descobrimento como sujeito histórico que carrega uma identidade. Mais do que isso, começa a questionar essa identidade como mãe, dona de casa e mulher, ao mesmo tempo em que passa a vislumbrar outros lugares que pode ocupar. Dito de outro modo, aos poucos Rami caminha para des-essencializar sua posição. Ao que nos parece, o espelho apresenta-se como elemento necessário para fazer Rami caminhar em direção a si mesma (SILVA, 2013).

Cansada de ser traída, certo dia, Rami sai para procurar as casas das amantes de Tony. Descobre, então, que seu marido possui inúmeras amantes. A primeira delas se chama Julieta, mãe de duas crianças, que dá uma sova em Rami; a segunda, Luísa, também lhe dá uma surra, motivo pelo qual ambas são presas. Na prisão, elas começam uma relação de proximidade que as torna amigas. O encontro com Luísa, apesar de belicoso, atua como elemento gerador de crise, de modo a abalar algumas concepções de Rami sobre as performances de gênero atribuídas à mulher, as quais ela precisa seguir rigorosamente.

Na primeira parte da obra, Rami reproduz as concepções hegemônicas que impõem ao sujeito feminino uma constelação de obrigações, afirmando que, caso seu casamento fracasse, a responsabilidade recairia sobre si. São recorrentes e, quiçá, cansativos os argumentos que ela mobiliza para convencer as suas rivais de desistirem de Tony, já que este é casado oficialmente: “Sabes o que significa ser mulher de um homem casado? É o mesmo que fazer filhos na sombra da outra mulher. É não ser socialmente reconhecida como esposa. É ser abandonada a qualquer momento, ser usada, ser trocada. Que futuro esperas tu?” (CHIZIANE, 2004, p. 54).

Porém, o senso de praticidade com que Luísa lida com os afetos gera incômodos e mobiliza Rami para pensar coisas que não haviam lhe ocorrido ainda. Ao questionar “que espécie de lar esperas construir com um homem casado?”, Rami escuta uma resposta pragmática que aponta para uma leitura sem ilusões de sua realidade como mulher: “Não tenho ilusões. Quer seja esposa ou amante, a mulher é uma camisa que o homem usa e despe. É um lenço de papel, que se rasga e não se emenda. É sapato que descola e acaba no lixo” (ibidem). Rami escuta de sua rival algumas reflexões que jamais lhe ocorreram, duras verdades: “chocame a frontalidade desta mulher. Que aceita ser usada e ser jogada, como bagaço de cana doce. Que vive o instante do amor como eternidade. Que fala da amargura com doçura. Diz tudo sem rodeios. Escuto-a. Esta mulher me espanta. Esta franqueza me encanta” (ibidem). A alteridade produz seu trabalho de espanto e desconcerto; o encontro com o Outro, o diferente do *self*, faz emergir a crise necessária que conduzirá Rami ao processo de relativização de sua posição e status social essencialista e estático (SILVA, 2013).

Inicialmente, destaca-se um problema: as mulheres/amantes vindas de variadas regiões de Moçambique dão forma a um mosaico de visões de mundo distintas que, ao desenrolar da narrativa, se mostra necessário para a evolução da obra, o desenvolvimento e as rupturas da personagem principal. Se, por um lado, são essas mulheres que roubam o marido de Rami e rompem sua ordem de mundo, por outro, são elas, também, as responsáveis por produzir as condições necessárias e os encontros com a alteridade que mobilizam e desmontam o cosmos

da narradora, fertilizando ou mesmo criando os novos solos nos quais Rami irá pisar na jornada de sua vida. Em uma palavra, os conflitos a partir do contato com suas rivais adubam o caminho para a jornada do herói, no caso, a heroína.

Inquieta com a visão de mundo de Luísa, Rami desconhecia sua origem, os costumes e as formas com que as mulheres da Zambézia lidam com o patriarcado. A origem do Norte implica construções de mundo distintas daquelas do Sul, com as quais Rami está familiarizada: “Venho de longe [...], sou da Zambézia [...]. Desde cedo aprendi que homem é pão, é hóstia, fogueira no meio de fêmeas morrendo de frio”; no Sul, por outro lado, se declara que “na minha aldeia, poligamia é mesmo que partilhar recursos escassos, pois deixar outras mulheres sem cobertura é crime que nem Deus perdoa” (CHIZIANE, 2004, p. 55).

Após apanhar de Julieta, esta conduz Rami à Luísa, que, por sua vez, indica outra amante de Tony, Saly, a maconde, que indica outra amante, Mauá Sualé: “O coração do meu Tony é uma constelação de cinco pontos. Um pentágono. [...] O nosso lar é um polígono de seis pontos” (CHIZIANE, 2004, p. 58). A narrativa se desenrola pela perspectiva de uma mulher e, nesse sentido, apresenta situações do cotidiano que desvelam detalhes de uma sociedade em que prevalece a dominação masculina (BOURDIEU, 2002), organizada, hegemonicamente por homens e para homens, que impõe à mulher o silêncio e a reclusão. Após alguns episódios de agressões perpetradas por suas rivais, Rami se dirige ao hospital para cuidar dos seus ferimentos. Enquanto aguarda sua vez, observa um casal de velhinhos que, em andrajos e descalços, estão à porta do consultório para ver o médico, que os recebe e pergunta o que se passa:

Ela diz tudo o que sabe, para ajudar o companheiro. De repente, o velho ergue-se da maca rugindo furiosamente: - Cala-te, mulher. Desde quando tem categoria para falar com um doutor? Nunca te autorizei a falar com homem nenhum. Estás a comportar-te como uma prostituta. As palavras do velho despertam na mulher raivas sepultadas. Todas as mágoas afloram como um furacão [...]. Ela reage e grita: - Velho rabugento! Suportei-lhe a vida inteira. Se não quer que eu fale, então que morra! (CHIZIANE, 2004, p. 59).

Tal episódio parece sugerir que a violência masculina que submete as mulheres independe dos marcadores de classe e de raça. Essa situação se repete no romance, na mesma cena com personagens diferentes: será Rami no lugar da senhora e Tony no lugar do “velho rabugento”. Se, por um lado, Tony submete suas amantes, também, porque é bem sucedido, econômica e socialmente, por outro, essa cena em que o velho paupérrimo exerce o seu poder de macho dentro das condições de miséria aponta para uma forma de organização social que

parece desconhecer barreiras econômicas, em se tratando de colocar o sujeito feminino na base da pirâmide e sobre quem se pode exercer o arbítrio e a violência livremente.

Oportuno lembrar que os códigos da moralidade dentro do romance elaboram, em princípio, o lugar simbólico destinado às mulheres, que orbitam em torno do sujeito masculino. Nesse sentido, o exercício da supremacia masculina parece independer das condições materiais em que se encontram os sujeitos. Isto é, mesmo de forma assimétrica, homens ricos e homens pobres partilham em alguma medida dos “dividendos patriarcais” (CONNEL, 1995, p. 197)⁶.

A transgressão dentro do casamento, e não apenas nele, são permitidas, ou até mesmo incentivadas, de modo que o exercício da masculinidade se dá também por essas transgressões, que parecem ser lidas como pilares fundamentais nos quais o *ethos* masculino se sustenta. Vale lembrar o episódio de prisão de Rami e Luísa, em que o carcereiro, após saber que ambas são mulheres do seu chefe, repreende-as por seu comportamento indelicado e diz, ainda, que elas deveriam se envergonhar da cena protagonizada, pois Tony é visto como homem de muito respeito na corporação, e segundo sugere o policial, não merece passar vexames.

O reconhecimento do jovem policial sobre a virilidade de seu chefe, Tony, e sua represália pelo comportamento das duas mulheres faz lembrar o conjunto de ideias e símbolos que viabilizam o pacto dos homens para dominar as mulheres, o que Welzer-Lang (2000) chamou de “a casa dos homens”. Isto é, os homens formulam e mantêm entre si uma cumplicidade com o objetivo de se manterem no topo da pirâmide de gênero. Episódio semelhante se dá quando Rami vai à casa paterna em busca de apoio. Após partilhar suas angústias e as traições de seu marido, o pai a repreende dizendo que a responsabilidade pelas infidelidades é dela, não de Tony. Ou seja, Rami é traída porque, de alguma forma, não está correspondendo às necessidades do esposo. Nos termos do autor, “os homens dominam coletiva e individualmente as mulheres. Esta dominação se exerce na esfera privada ou pública e atribui aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos” (WELZER-LANG, 2000, p. 2).

3. Da tomada de consciência e da autonomia: um toque de mulherismo africana

No início do romance, Rami enfrenta sozinha uma constelação de problemas, o que reforça ainda mais sua sensação de impotência e fragilidade. Porém, à medida que conhece a

6 CONNEL, Robert W. Políticas da Masculinidade. Revista Educação e Realidade. 1995. p. 185-206. Trad. Tomaz Tadeu.

história de suas rivais, surge a possibilidade de se reconhecerem como parte de um grupo subalternizado. Então, Rami mergulha no processo de reflexão sobre sua condição de mulher e passa a perceber elementos que antes não via. A escuta a irmana às suas rivais, criando, assim, as condições para uma solidariedade mulherista. Essa nova perspectiva vai ao encontro do texto já mencionado *Africana Womanism, reclaiming ourselves*, de Hudson-Weems, ao referir princípios norteadores do mulherismo africano, como: irmandade genuína entre mulheres, centralidade familiar, força, harmonia com os homens na luta, completude, autenticidade, autonegação, autodefinição, flexibilidade de papéis, respeito, reconhecimento, espiritualidade, compatibilidade masculina, respeito pelos mais velhos, adaptabilidade, ambição, maternidade (Tradução nossa)⁷. Oportuno pensar que os dilemas da narradora dialogam fortemente com o mulherismo africano, já que o processo de construção de uma irmandade entre as mulheres permite que juntas elas construam sua autonomia, afetiva e economicamente. Neste sentido, também é possível observar o enredo em consonância com o oxunismo, de Oyeronke Oyewemuni (2016), já que, segundo a cosmovisão iorubá, as Ìyá prezam por sua autonomia financeira.

Ao ter relações sexuais com o amante de Luísa, com o consentimento desta, Rami é apresentada a uma nova forma de fraternidade feminina. Luísa apresenta outra perspectiva para o matrimônio e para as relações conjugais, um convite para o início do processo de relativização de algumas crenças por parte da narradora: “Na minha aldeia, o amor é solenemente partilhado como uma hóstia. O sexo é um copo de água para matar a sede, pão de cada dia, precioso e imprescindível como o ar que respiramos. Se já partilhamos um marido, partilhar um amante é mais fácil ainda” (CHIZIANE, 2004, p. 82).

O exercício da alteridade que se dá no encontro com Luísa e, posteriormente, com Vitor abre novos horizontes para que Rami possa se posicionar em relação a si, ao seu casamento, à sua família e no próprio trato dispensado às amantes de Tony. Capaz mesmo de produzir novas reflexões sobre sua existência como sujeito que habita o mundo colonial, Rami passa a responsabilizar o regime colonial nos seguintes termos: “Todo o problema parte da fraqueza dos nossos antepassados. Deixaram os invasores implantar os seus modelos de pureza e santidades. Onde não havia poligamia, introduziram-na. Onde havia, baniram-na. Baralharam tudo, os desgraçados!” (CHIZIANE, 2004, p. 93). A reflexão empreendida não se restringe ao

7 Cf: Genuine in sisterhood, Family centered, Strong, in concert with male in struggle, whole, authentic, self namer, self definer, flexible role player, respect for elders, recognized, adaptable, ambitious, nurturing, mothering.

casamento, alcançando também a religião. Rami se dá conta de que parte de seus infortúnios tem como causa sua educação religiosa, a quem atribui responsabilidades pelo desmantelamento das formas de vida autóctone. “No regime cristão, as mulheres são educadas para respeitar um só rei, um deus, um amor, uma família” (CHIZIANE, 2004, p. 93).

O processo de relativizar as estruturas do casamento cristão, e o seu próprio, faz emergir outra personagem com alguma autonomia e desejo de mudança, visto que sua consciência sobre o mundo passa por mudanças que abrem brechas para questionar a ordem social patriarcal. Inicialmente, temos a impressão de que seriam as estruturas coloniais, pautadas no cristianismo, as responsáveis pelo regime de submissão profunda que submete as mulheres, porém, com o desdobrar da narrativa, junto com Rami, percebemos que tal impressão explica parte da opressão patriarcal, mas não toda. Se assim o fosse, ao expulsar os colonizadores e reaver a independência, o próximo passo rumo a uma sociedade mais igualitária seria restaurar aquilo que ela chama de “elementos da tradição”, o que não se sustenta, pois a tradição na qual a sua família se insere também parte do pressuposto de que as mulheres devem calar e só os homens podem falar.

Rami, ao se dirigir à casa paterna em busca de refúgio e contar ao pai seus infortúnios, desaba em tristeza ao escutar do pai: “Se o teu marido não te responde, é em ti que está a falta. [...] - As mulheres de hoje falam muito por causa dessa coisa de emancipação. Falas de mais, filha. No meu tempo, as mulheres não eram assim” (CHIZIANE, 2004, p. 97). Temos, então, que “os problemas de uma mulher são classificados no arquivo das insignificâncias, caprichos, incapacidades” (ibidem).

Em outra passagem, a narradora sintetiza o caminho das mulheres de sua região, mas que, possivelmente, poderia ser a síntese de alguns grupos de mulheres do Ocidente: “Ao nascer, a menina é anunciada com três salvas de tambor, o rapaz com cinco. O nascimento da menina é celebrado com uma galinha, o do rapaz com uma vaca ou uma cabra”, sua percepção em processo de transformação, prossegue: “A cerimônia de nascimento do rapaz é feita dentro de casa ou embaixo da árvore dos antepassados, a da menina é feita ao relento. (...) Meninas pilando, cozinhando, rapazes estudando. O homem é quem casa. A mulher é casada. O homem dorme, a mulher é dormida (CHIZIANE, 2004, p. 161).

O excerto acima sugere uma síntese que dá detalhes das formas de tratamento e ordenamento familiar no que diz respeito às formas de construir o masculino e o feminino. Aponta, ainda, para a complexa socialização familiar que, desde o berço, cuida dos pequenos detalhes a fim de pavimentar a estrada que ambos os sujeitos irão percorrer, mas em condições

de profunda desigualdade, quiçá, insuperável, dado que os recursos sociais bem como a legitimação das posições que homem e mulher irão ocupar e desempenhar no futuro já estão dadas desde o nascimento. Nesse sentido, o romance esmiúça as estruturas sociais de construção e manutenção da ordem para assegurar aos sujeitos masculinos a hegemonia, garantindo, de quebra, a justa submissão feminina.

Considerações finais

Nessa lógica da supremacia masculina, conhecemos cinco mulheres que, pelo processo de poligamia, oficializado na presença das famílias de todas as esposas, Tony desposa as amantes e passa a ter cinco esposas. A fraternidade gerada neste matrimônio faz parte da estratégia das mulheres para enfrentar o sistema patriarcal que as oprime: “A opressão das mulheres pelos homens é um sistema dinâmico no qual as *desigualdades* vividas pelas mulheres são os efeitos das vantagens dadas aos homens” (WELZER-LANG; 2001, p. 2). Nas páginas seguintes, tem início uma série de estratégias e reviravoltas para subverter “os arranjos de gênero” e que apontam caminhos de construção de uma autonomia que poderia chamar de mulherista para evidenciar as conexões entre o romance e o mulherismo africana.

Para concluir, a narrativa pode ser posta nos seguintes termos: a protagonista não sabe quem é, desconhecendo a si mesma. Assim, inicia uma longa jornada para solucionar seu casamento e repactuar seu lar. Mas ela se pauta no imaginário social do senso comum que apregoa o casamento como realização integral da mulher moçambicana. Busca ajuda com a conselheira do amor, sendo que a escola de iniciação frequentada pode ser lida como um conjunto de ações realizadas para descobrir quem ela é. Posteriormente, o encontro com outras mulheres se oferece como oportunidade de contato com modos de ser e viver opostos ao seu mundo, do sul, católico, monogâmico, de classe média, já que Rami é uma assimilada/ocidentalizada.

Seu sofrimento existencial começa a diminuir à medida que entra na zona de contato com outras culturas autóctones, de modo que ela mesma levanta hipóteses de que foi o regime colonial que embaralhou a vida local. Assim, conhecer um pouco do passado pré-colonial a ajuda a se reerguer e se insurgir contra o regime patriarcal. Nesse momento, a protagonista e suas companheiras organizam o “parlamento das esposas”, num ensaio de “reafricanização” de seu mundo (DOVE, 1998). Por fim, o processo de conhecer suas raízes culturais se apresenta,

na obra, como um primeiro passo que opera, gradativamente, o questionamento da submissão-independência, abrindo brechas para a insurgência mulherista e emancipação.

Referências

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La hybris del punto cero**: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816) / Santiago Castro-Gómez. -- 1a ed. -- Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2005.

CHIZIANE, Paulina. **Nikette**: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. A questão do gênero. In: CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero**: uma perspectiva global. São Paulo: Nversos, 2015.

CONNELL, Robert W. MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1). Pg. 241-282, janeiro-abril/2013.

DOVE, Nah. **Mulherismo Africana**: uma Teoria Afrocêntrica. Universidade Temple. Tradução de Wellington Agudá. *Jornal de estudos negros*, v. 28, n. 5, maio 1998.

EBUNOLUWA, Sotunsa Mobolanle. Feminismo: a busca por uma variante africana. Traduzido por Luana Cristina Muñoz Roriz. **The Journal of Pan African Studies**, vol.3, n.1, 2009, p. 227-234.

FERREIRA, Jonata; HAMLIM, Cynthia. Mulheres, negros e outros monstros: um ensaio sobre corpos não civilizados. In: **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, 18(3): 336, setembro-dezembro/2010.

Hudson-Weems, C. **Africana Womanism**: Reclaiming Ourselves. Troy, MI: Bedford Publishers, 1993.

NJERI, Aza; RIBEIRO, Katiúscia. MULHERISMO AFRICANA: práticas na diáspora brasileira. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. In: **Currículo sem Fronteiras**, v. 19, n. 2, p. 595-608, maio/ago. 2019. ISSN 1645-1384
(online) www.curriculosemfronteiras.org <http://dx.doi.org/10.35786/1645-1384.v19.n2.09>.

NKOSI, Deivison Faustino. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: BLAY, Eva Alterman. **Feminismos e Masculinidades**: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 75-104.

OYĒWÙMÍ, O. **What Gender is Motherhood?** Changing Yorùbá Ideals of Power, Procreation, and Identity in the Age of Modernity. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2016.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. *In* SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010b, p. 71-94.

SILVA, Candido Rafael Mendes da. Uma Branca de Neve às avessas ou Rami no país da poligamia. *In*: MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmen Lúcia Tindó (Orgs). **Paulina Chiziane: Vozes e rostos femininos de Moçambique**. Editora Appris. Curitiba-PR, 2013.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *In*: **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis, Ano 9, Vol. 2, 2001, p. 460-482.